

A paixão segundo M. G.

Por: Maria Clara Bingemer

Somente após ver, por fim, o filme de Mel Gibson sobre a Paixão de Cristo entendi a polêmica que suscitou e que tanto dividiu a opinião pública. Pairam sobre o filme suspeitas as mais diversas: anti-semitismo, sadismo, radicalização e abuso da violência, etc. Parece-me que o verdadeiro problema na recepção e leitura do filme reside na perspectiva e no ponto de vista desde o qual o vemos.

A questão do filme de Mel Gibson não passa, a meu ver, pelo nível meramente sensorial e artístico. Aliás, sob este aspecto, não é uma obra de gênio. Situa-se, porém, em nível mais profundo. Pois, além de uma realização cinematográfica, trata-se de um filme feito a partir da experiência da fé. O cineasta está mostrando ali aquilo em que crê. Sua construção do filme, incluídas as "escapadas" da objetividade que nele ocorrem, deve-se, em grande parte, ao fato de que a leitura que faz da Paixão de Cristo é a sua própria leitura subjetiva de fé. O filme, em termos teológicos, é bem tradicional. Jesus Cristo, segundo Mel Gibson, é o Servo de Javé, o Cordeiro de Deus que carrega o pecado do mundo e por seu sofrimento redentor salva toda a humanidade. Isto aparece claro desde a primeira cena, na oração agônica de Jesus no Getsemani, antes da Paixão. Sofrendo com a angústia e o horror da morte que se aproxima, Jesus é assaltado pela tentação demoníaca de sair daquele caminho e desviar-se do que é a vontade do Pai. A serpente que personifica a tentação é violentamente esmagada por seu pé. Após isso, inteiramente entregue ao destino que é o seu, Jesus encaminha-se serenamente para enfrentar os soldados que vêm prendê-lo.

Esta é a mensagem central de Mel Gibson: a paixão de Cristo é mistério de salvação. Jesus Cristo, Filho de Deus, entrega sua vida, sofre e morre para resgatar a humanidade pecadora, responsável por sua morte. O contraponto que permeia toda a via-sacra, o caminho de Jesus rumo ao Calvário, com o demônio de um lado e Maria do outro, foi o recurso encontrado pelo diretor para explicitar a soberana liberdade com que o Filho de Deus percorre, por obediência e amor ao Pai, esse caminho até a cruz. Liberdade esta constantemente ameaçada de ser interrompida pela infidelidade, a desistência, o desamor. E, ao mesmo tempo, incessantemente confirmada pela compaixão da mãe que sofre com ele e o acompanha até o fim.

Não percebo conotações anti-semitas no filme de Mel Gibson. Pelo contrário, parece-me que o diretor expõe os judeus como vítimas, oprimidos e desprezados como o é o próprio Jesus (judeu também ele). O desprezo com que Pilatos fala de seu horror por estar servindo ali naquela suja e odiosa Judéia fundamenta o que desejo dizer. Igualmente a cena do Cireneu, agredido e insultado pelos soldados romanos, sendo chamado de "judeu". Por tudo isso, parece-me que o povo judeu - com exceção, talvez, da figura de Caifás, está mais identificado com Cristo do que com os que o matam.

Há violência, sim, na Paixão segundo Mel Gibson. Muita violência. Mas não é esta a violência que sofreram, desde que o mundo é mundo, todos os condenados da história? Não é assim que desde sempre foram tratados os fracos, os indefesos, os inocentes? Não é assim que hoje ainda são maltratados os pobres, os presos políticos e aqueles que têm a desgraça de cair nas malhas cruéis de nosso injusto e assassino sistema carcerário? Por que nos escandalizamos e desviamos o rosto quando se trata da Paixão do Filho de Deus? Por que achamos que essa violência é excessiva e assistimos tranqüilamente na televisão jovens,

crianças, mulheres sendo torturados, sem reclamar de excessos e abusos ou emitir acusações de sadismo?

Com todas as suas falhas e lacunas, imprecisões históricas e exegéticas, mediocridades cinematográficas, já expostas à exaustão pela mídia, o filme de Mel Gibson tem o grande mérito de fazer-nos olhar de frente algo de que fugimos o mais que podemos: a dor, o sofrimento e a morte. Mais: obriga-nos a ver no sofrimento de Jesus Cristo, reconhecido e proclamado pela fé cristã como Filho de Deus, a que ponto podem chegar ao mesmo tempo a barbárie e a grandeza da humanidade. Mais ainda: convida-nos a entrar no mistério que somente a fé enxerga: o do resgate do pecado e da morte pelo perdão, pelo amor, pela dor aceita e vivida, pela entrega da vida do próprio Deus que, em sua encarnação, assumiu em tudo a condição humana e a partir daí curou nossas feridas e enfermidades.